

## **Formação de professoras unidocentes e o tema transversal saúde: possibilidades e apontamentos**

**Rhenan Ferraz de Jesus<sup>1</sup> e Rosalvo Luis Sawitzki<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Brasil. E-mail: [rhenan.ferraz@hotmail.com](mailto:rhenan.ferraz@hotmail.com). <sup>2</sup>Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Brasil. E-mails: [rosalvols@hotmail.com](mailto:rosalvols@hotmail.com).

**Resumo:** Buscando aproximar os temas saúde e formação de professores unidocentes, questões que carecem de trabalhos no campo acadêmico, este estudo propôs analisar como está expresso o tema saúde na formação docente nos Anos Iniciais, a partir das concepções de educadoras sobre essa temática em suas formações (inicial/continuada). Utilizaram-se questionários para coletar as informações, uma técnica de análise de conteúdo e um conceito holístico de saúde para análise e interpretação dos dados. Pelos achados, percebeu-se a necessidade da qualificação na formação unidocente para abordar a saúde na escola. Sendo que, na formação inicial, essa temática teve mais ênfase majoritariamente no curso normal (Magistério) do que no curso superior (Pedagogia); na formação continuada, a escola foi vista como um espaço central de discussões e disseminação do conhecimento sobre a saúde. Como considerações, acredita-se que o conceito holístico de saúde pode ser utilizado como um material interpretativo e uma alternativa válida para ampliar a possibilidade de compreensão dos fenômenos que cercam uma realidade social, como na aproximação dos temas estudados. A partir dos enunciados das professoras, conclui-se que, necessariamente, as práticas pedagógicas e os cursos de formação estejam mais conectados à sua dimensão pedagógica, dando subsídios à abordagem da saúde no contexto escolar.

**Palavras-chave:** formação docente, saúde, unidocentes, holismo.

**Title:** Primary teacher education and transversal theme health: possibilities and appointments.

**Abstract:** Intending to approach the health and primary teacher training themes, issues which need of academic researches, this article proposes to analyse how primary teacher training broaches the health issue, from teacher conceptions about this theme in her training (initial/continued). It used questionnaires to collect the information, a content analysis technique and a health holistic concept for data analysis and interpretation. The results accentuated necessity of qualification in primary teacher training for approaching health at school. Thus, in the initial teacher education, this theme had more emphasis mainly in normal course (teacher' work) than in higher education (Pedagogy); in the continued training, teacher seeing the school as a central space of discussions and knowledge dissemination about health. As consideration, we believe that the utilization of health's holistic concept can be an interpretative material and a valid alternative to improve the possibility of comprehension of phenomenon, which involve a social

reality, for example, in approach of themes studied. From teacher statements, we conclude that, necessarily the pedagogic practice and training courses are more connected with its pedagogic dimension, giving subsidies to health approach on scholar context.

**Keywords:** teacher education, health, primary teachers, holism.

### **Introdução**

A presente investigação traz reflexões sobre o tema transversal saúde, procurando esclarecer como essa temática se apresenta na formação inicial e/ou continuada de professores dos Anos Iniciais. O seu desenho metodológico concerne a um estudo de caso qualitativo, tendo em vista compreender os fenômenos que perpassam nessa realidade escolar, elegendo os professores unidocentes como sujeitos de pesquisa. Nesse nicho, percebendo que “as concepções de saúde que permeiam o ambiente escolar, advindas dos conceitos elaborados pelos educadores que trabalham na escola, são possibilidades de se entender as ações ali desenvolvidas, em relação à saúde” (Lomônaco, 2004a, p.63).

Essa aproximação das temáticas se torna necessária em virtude de que o campo científico carece de trabalhos que venham aventar sobre essas questões. Nessa lógica, esta investigação vem despertar questionamentos em como trabalhar o tema saúde em escolas públicas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em especial, enquanto questão norteadora: “Como tem sido visto o tema saúde na formação profissional de professores atuantes nos anos iniciais do ensino fundamental? ” (Jesus, 2014). Será que esses docentes possuem uma formação inicial e/ou continuada adequada para trabalhar temas que envolvem a saúde humana?

Logo, o objetivo central deste trabalho foi analisar como está expresso o tema transversal saúde na trajetória profissional de professores unidocentes em uma escola pública de Manoel Viana/RS a partir de suas concepções sobre essa temática em suas formações. Ademais, buscando se apropriar do conceito holístico de saúde como uma ferramenta analítica para a interpretação dos dados.

### **Fundamentos teóricos**

*O tema transversal saúde e a formação de professores: aproximações necessárias nos anos iniciais.*

No Brasil, a proposta do Ministério da Educação esboça a saúde como uma das peças-chave para a articulação entre as diferentes atividades e disciplinas escolares, bem como esta e a sociedade. E, entre uma das propostas, está a inclusão de temas transversais, que vem no intuito de tornar o currículo mais flexível e aberto às realidades locais e regionais, enquanto cumprimento de exigências estabelecidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n. 9.394/96) e orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (Secretaria de Educação Fundamental do Brasil, 2000).

Nestes documentos educacionais, a saúde é considerada um desses temas transversais e que deve ser trabalhada de maneira contínua e com a participação de diversos profissionais no ambiente escolar, incluindo outros

professores além dos de ciências, aos quais, geralmente, é creditada tal incumbência de trabalho (Secretaria da Educação do Ensino Fundamental do Brasil., 1997). Essa perspectiva de transversalidade partiu do Ministério da Educação e do Desporto (Secretaria de Educação Fundamental do Brasil 1998) onde foi criado o referencial curricular nacional para a educação fundamental, no qual esse tema transversal deve ser objeto de trabalho pedagógico e assumido com responsabilidade no projeto de todo educandário.

Em documento próprio sobre a saúde na escola, o Ministério da Saúde reforça e retoma a escola como um espaço ímpar e importante para o desenvolvimento de um programa de educação para a saúde entre crianças e adolescentes (Secretaria de Atenção à Saúde do Brasil, 2009). Entendendo a escola como um lugar que:

“Distingue-se das demais instituições por ser aquela que oferece a possibilidade de educar por meio da construção de conhecimentos resultantes do confronto dos diferentes saberes: aqueles contidos nos conhecimentos científicos veiculados pelas diferentes disciplinas; aqueles trazidos pelos alunos e seus familiares e que expressam crenças e valores culturais próprios; os divulgados pelos meios de comunicação, muitas vezes fragmentados e desconexos, mas que devem ser levados em conta por exercerem forte influência sociocultural; e aqueles trazidos pelos professores, constituídos ao longo de sua experiência resultante de vivências pessoais e profissionais, envolvendo crenças e se expressando em atitudes e comportamentos” (Secretaria de Atenção à Saúde do Brasil, 2009, p.15).

Em relação a esse último ponto supracitado (saberes trazidos pelos professores), neste estudo, toma-se como forma de discussão e reflexão a formação de professores dos Anos Iniciais, os quais enfrentam um desafio educacional nas escolas de trabalhar com os diversos campos do conhecimento humano ao mesmo tempo em suas atividades pedagógicas (Ciências Humanas, Sociais e da Natureza, além da área das Linguagens e Matemática). Principalmente, como dialogam Fernandes (2004) e Jesus (2014), enquanto a saúde faz parte de conteúdos ministrados pelos professores. As orientações curriculares não escondem a problemática existente quanto ao ensino da saúde na escola, que continua sendo um grande desafio para a educação e para os profissionais que nela atuam, sendo centrado basicamente de informações sobre como as pessoas adoecem, os ciclos de doenças, os sintomas e formas de prevenção e controle (Secretaria de Educação Fundamental do Brasil, 2000).

Outras situações problemáticas se fazem presentes na investigação de Costa, Gomes e Zancul (2012) e Dambros, Santos, Escoto, Silveira e Folmer (2011), onde esses autores relatam que, em muitas situações, os professores não têm sido preparados para abordar a saúde na escola, da mesma forma, conforme Nahas e Corbin (1992) e Guedes (1999), sendo pouca explorada pelos mesmos. Frente a isso, entende-se também que o currículo da educação deve estar voltado para a formação de um professor que possa trabalhar com as questões referentes à saúde de forma adequada (Lomônaco, 2004b).

Essa questão desafiadora se reflete no processo pedagógico e (in)diretamente na própria prática pedagógica docente. Apesar de haver algumas exigências nas diretrizes curriculares, Oliveira e Silva (1990) propalam que alguns estudos demonstram que o professor, em suas práticas diárias, apresenta dificuldades em cumprir metas de maneira eficaz, apresentando como justificativa um deficiente processo de formação no que se refere à temática saúde. Para esses autores, a concepção de saúde trabalhada na formação profissional docente é focalizada numa dimensão exclusivamente biológica e individualizante (Oliveira e Silva, 1990).

De acordo com Medeiros, Bernardes e Guareschi (2005) é preciso questionar os discursos que privilegiam o conceito de saúde, bem como o caráter impositivo e normativo dos modos de se intervir na realidade dos indivíduos e comunidades. Em vista disso, os conceitos elaborados quanto ao que vem a ser saúde devem ser objeto de cuidadosa reflexão, para que se possa perceber e atuar de forma coerente no sentido de contribuir efetivamente na formação dos educandos (Guedes, 1999; Jesus e Lopes, 2015).

Com isso, os PCN (Secretaria de Educação Fundamental do Brasil, 1998) fundamentam o entendimento do elemento 'saúde' no exercício da cidadania, argumentando que é necessário capacitar os sujeitos a se apropriarem de conceitos, fatos, princípios, tomarem decisões, realizar ações e gerar atitudes saudáveis na realidade em que estão inseridos. Além disso, enquanto se pronuncia sobre a presença do tema saúde em assuntos do cotidiano dos alunos, menciona-se que "a formação do educador deve estar fundamentada na prática, partindo de concepções sobre o ensino que admitam a possibilidade de que os alunos não são uma tábula rasa" (Fogaça, Jesus e Copetti, 2015, p.70).

E como defende Loureiro (1996a; 1996b), é fundamental os educadores buscarem alternativas pedagógicas e curriculares que venham a melhorar o ensino, incorporando em suas atividades as que visem promover mudanças no comportamento das crianças, tornando-os conscientes do que é necessário à promoção e à conservação da sua saúde e do seu coletivo. Essencialmente, tem-se aqui uma preocupação formativa dos professores dos Anos Iniciais, os quais abordam questões que envolvem a saúde humana desde os primeiros anos da escolarização formal. Tendo em vista que esses educadores podem ser considerados agentes decisivos para despertar nos estudantes atitudes positivas e saudáveis, fazendo-os refletir sobre as implicações de seus hábitos e estilos de vida pessoal.

Além desse compromisso social e educacional, prima-se que um dos papéis mais importantes ao ensino do tema saúde vem caber ao professor, o qual facilita as discussões por meio da formulação de estratégias para o trabalho escolar (Secretaria de Educação Fundamental do Brasil, 1998), que deve assumir explicitamente a responsabilidade de educar para a saúde (Focesi, 1990). Enquanto se debate pela necessidade de uma ação formativa adequada, Nóvoa (1992, p.25) atenta que "a formação não se constrói por acúmulo de cursos, mas através de tarefas de reflexividade críticas sobre os métodos e de reconstrução constante do seu fazer pedagógico". Esse mesmo autor faz uma leitura fundamental, onde:

"[...] a formação de professores pode desempenhar um papel importante na configuração de uma "nova" profissionalidade docente, estimulando a emergência de uma cultura profissional no seio do professorado e de uma cultura organizacional no seio das escolas" (Nóvoa, 1992, p. 12).

Desta forma, acredita-se que, para se trabalhar o tema saúde na formação de professores para atuarem nos Anos Iniciais, seja ela inicial ou continuada, torna-se imprescindível e um imperativo a associação deste tema à sua dimensão pedagógica, a qual parece carecer dessa abordagem, por isso, a necessidade de aproximar as (tema saúde à formação unidocente), na tentativa de superar um discurso de educação tradicional calcada na transmissão de informações. A partir desses pretextos, como questão propositiva, faz-se uma observação pontual ao tema saúde na trajetória formativa de professores dos Anos Iniciais, percebendo que este trabalho ganha voz no seu desenvolvimento a partir da participação dos unidocentes.

#### *Conceito holístico de saúde como uma possibilidade analítica da realidade*

Nesta seção, pretende-se apresentar um sucinto diálogo conceitual de holismo da saúde, entendendo-o em sua essência como uma possível ferramenta analítica para interpretar questões conceituais que concreta a base para as discussões dos dados de pesquisa, visando compreender a realidade social que se estuda. A decisão em adotar essa possibilidade partiu de uma posição crítica aos conteúdos que são ensinados (principalmente, os balizados por uma educação tradicional e estanque) que se fazem presentes no currículo escolar até o presente momento, em especial nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (Jesus, 2014).

Também, se compreende que o elemento holístico conceitual da saúde pode ser uma alternativa de análise da realidade social no intuito de ampliar a compreensão dos fenômenos que cercam a temática em estudo dentro de um todo, em específico ao trato pedagógico e escolar, para ser mais preciso, das compreensões dos professores sobre o tema saúde em suas trajetórias formativas.

Inicialmente, Nogueira (1986) afirma que o conceito de saúde holística origina-se do conceito de holismo. Este termo é derivado da palavra "holos", que em grego significa o conjunto, a integridade ou a totalidade, e foi utilizado pela primeira vez por Jam Smuts em 1920 (Nogueira, 1986). Para Weil (1987), esse termo refere-se a uma abordagem de conhecimento que visa estabelecer pontes entre as fronteiras das ciências físicas, biológicas e espirituais.

Conforme Nogueira (1986), o paradigma holístico emerge de uma crise da ciência, de uma crise do paradigma cartesiano-newtoniano, que postula a racionalidade, a objetividade e a quantificação como únicos meios de se chegar ao conhecimento. E relata mais, mencionando que esse paradigma "busca uma nova visão, que deverá ser responsável em dissolver toda espécie de reducionismo" (Nogueira, 1986, p. 286). Com isso, para essa mesma autora, a holística força um novo debate no âmbito das diversas ciências e promove novas construções e atitudes.

Ainda, Teixeira (1996, p.288) informa que a abordagem holística em saúde nos traz “uma aproximação entre saber popular e saber oficial e os estudos transculturais terão enorme valia na construção de novas formas integrativas de saúde”. Ainda, essa mesma autora considera que os modelos místicos e diversas culturas tradicionais precisam ser conhecidos, estudados e integrados ao modelo holístico de saúde que se quer. Conforme Nogueira (1986), dentro do conceito de saúde holística, um princípio central é de que o indivíduo seja responsável pela sua própria saúde, e que um indício de superação do modelo de saúde biomédico pode ser observado pelo desejo cada vez maior de voltar à natureza ao passado.

Lopes Neto e Nóbrega (1999) propalam uma definição bem pontual, por mais que aplicada nos modelos teóricos da área da Enfermagem.

“A saúde numa abordagem holística é a resultante de condições positivas de vida, de uma interação ecológica-social do ser humano, de um viver bem e em paz, onde sejam respeitados os direitos de cidadania de cada ser humano, para que este tenha acesso à moradia, ao lazer, à educação, ao emprego e a outros condicionantes de um padrão de saúde considerável” (Lopes Neto e Nóbrega, 1999, p. 234).

Em meio a isso, este estudo vem externar uma posição do conceito ampliado de saúde (holístico), exposto na Tabela 1, adaptando-se por alguns conceitos apresentados nos trabalhos de Almeida Filho e Jucá (2002); Levy et al. (1997), Melo (1998), Buss (2000), Scliar (2007), Nery et al. (2009) e Canguilhem (2009), no sentido que essa concepção de saúde para compreender os fenômenos em sua totalidade e globalidade, necessita relevar um processo de relação entre o meio em que o sujeito ou coletivo está inserido/envolvido, e vice-versa. Ademais, levando em consideração as experiências e vivências, as realidades distintas, reconhecendo os demais aspectos imbricados como as demandas sociais envolventes, bem como as influências e condicionantes existentes em saúde, os mesmos que podem implicar os sujeitos na tomada de decisões, seja, ou não, de superar os modelos (im)postos pela sociedade.

Nesse sentido, essa compreensão holística sobre o tema saúde tem o intuito de proporcionar reflexões construtivas acerca dos conhecimentos que envolvem essa temática (tornando-a ampla), na perspectiva que as pessoas possam se apropriar do assunto, da mesma forma, podendo ser considerados como agentes transformadores de sua realidade em um determinado espaço-temporal e contexto. Aliás, no contexto escolar, esse enfoque presume a possibilidade de contribuir no processo educativo dos educadores/educandos e das suas relações sociais que estabelecem com seus semelhantes.

### **Contexto e metodologia**

Esta investigação apresenta caráter qualitativo descritivo, orientado por Bogdan e Biklen (1994), possibilitando os questionamentos dos fenômenos e sujeitos investigados, com o objetivo de perceber aquilo que eles experimentam em suas instituições, o modo como interpretam as experiências e como estruturam o mundo social em que vivem. Usa-se a descrição, pois, segundo Lopes (1997), faz a ponte entre a fase de observação dos dados e a fase de interpretação, por isso, o proposto estudo

vem combinar técnicas e métodos de análise. Sendo assim, participaram como sujeitos da pesquisa cinco professoras de uma escola pública estadual de Manoel Viana, RS, as quais foram as únicas profissionais de educação que lecionavam e atuavam nos anos iniciais do ensino fundamental, definindo o *locus* investigativo.

<b>Categoria</b>	<b>Descrição</b>
Biológica	Relacionado diretamente se homem e dizendo respeito às suas características constitucionais, inerentes à anatomia e à fisiologia do organismo, bem como a herança genética.
Ambiental	Direcionado à capacidade que o indivíduo tem de estabelecer a um espaço ou local, considerando o modo como se relaciona e interage ao mesmo em sua diversidade.
Social	Está relacionado aos fatores que condicionam/determinam o modo de viver das pessoas em um coletivo, que exercem alguma forma de governo (poder), considerando as manifestações de interesses políticos e econômicos na sociedade, levando em conta os direitos e deveres cidadãos, quanto às diferenças, sejam de classes sociais, condições de habitação e saneamento, do meio ambiente, de transporte, de trabalho/profissional, de segurança, familiar e entre outros, que implicam à qualidade de vida.
Religioso/ Espiritual	Associação aos aspectos (ar)religiosos e espirituais que denotam a preocupação com a dimensão imaterial a partir de crenças, percepções sensoriais, anseios e utopias, valores e sentimentos/emoções, remetendo-se às vivências humanas em uma perspectiva de vida no alcance de melhores níveis de saúde, podendo ser oriundos de entendimentos e inflexões ideológicas, ainda, de questões filosóficas, sociológicas e/ou antropológicas.
Cognitivo	Circundam os aspectos psicológicos e mentais humanos, conduzidos pelo pensamento e raciocínio que levam à reflexão, bem como a tomar atitudes e direcionar condutas e comportamentos, ponderando a possibilidade de que nem todo pensar leve a uma ação e vice-versa, ainda, levando em consideração suas potencialidades morais e éticas.
Cultural	Remete-se às propriedades da vida humana constituinte de um patrimônio histórico cultural como produção do conhecimento ao longo do tempo, levando em conta a ciência e seus produtos, costumes que estão (in)diretamente relacionados à educação, ao bem estar, ao esporte e ao lazer, à arte e outras manifestações expressivas da forma humana.
Prevenção/Promoção	Associada às condições e características de evitar o agravamento e/ou aparecimento de enfermidades/doenças, da mesma forma, considerando as diversas atividades/intervenções que visam promover e atentar à recuperação da saúde dos indivíduos para uma vida saudável.

Tabela 1.- Matriz analítica para uma aproximação conceitual holística da saúde. Fonte: Adaptado a partir de Levy et al. (1997), Melo (1998), Buss (2000), Almeida Filho e Jucá (2002), Scliar (2007), Nery et al. (2009) e Canguilhem (2009).

Dentro desse tipo de abordagem qualitativa, perpetuam-se aproximações ao tipo de estudo de caso, em virtude da apresentação de um baixo quantitativo de sujeitos estudados, que é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenrolar do estudo (Lüdke e André, 1986). Desta maneira, como definem Lüdke e André (2004), empregou-se este tipo de estudo, considerando algumas características fundamentais que contemplam essa investigação, como: visa à descoberta; o pesquisador deve estar atento para os novos elementos que podem surgir; enfatiza a interpretação; busca retratar a realidade; usa variadas fontes de informações e permite generalizações. Além disso, um estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, vem permitir o seu conhecimento amplo e detalhado, tarefa praticamente impossível mediante os outros tipos de delineamentos considerados (Gil, 2008).

Como procedimentos, primeiramente, foi solicitada autorização da equipe diretiva da escola e das professoras para realização do estudo. As professoras estudadas aceitaram participar desta investigação de maneira voluntária e por conveniência, onde foi mantido o seu anonimato, para isso, assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que especificava o consentimento das participantes, de forma escrita, contendo todas as informações necessárias, em linguagem clara e objetiva, de fácil entendimento, para o mais completo esclarecimento sobre a pesquisa a qual se propôs, respeitando os critérios éticos da pesquisa conforme os termos da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2012). Ressalta-se que este trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria (protocolo CAAE de nº. 40396114.9.0000.5346).

Utilizou-se um questionário com questões abertas, pois, segundo Chaer, Diniz e Ribeiro (2011), as perguntas abertas são aquelas que permitem liberdade ilimitada de respostas ao informante. Nelas poderá ser utilizada linguagem própria do respondente, sendo que elas trazem a vantagem de não haver influência das respostas pré-estabelecidas pelo pesquisador, uma vez que o informante escreverá aquilo que lhe vier à mente (Chaer, Diniz e Ribeiro, 2011). Gil (2008) explicita sobre esse instrumento de coleta:

“O questionário se trata como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas às pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado, etc.” (Gil, 2008, p.120).

No questionário utilizado na pesquisa, foram dispostas as seguintes perguntas, a saber: “Relembrando um pouco sobre sua formação profissional, você pode relatar se o tema saúde foi desenvolvido na sua formação inicial (magistério e/ou graduação), ou se foi, ou está sendo, desenvolvido na formação continuada que você tenha participado (cursos, aperfeiçoamentos ou pós-graduação)? Caso seja afirmativo, como e de que maneira você percebe que esse tema foi trabalhado, tanto na formação inicial quanto na formação continuada?” (Questões do questionário). Essas questões se tornaram necessárias para compreender a realidade formativa unidocente a partir de suas concepções em resposta ao questionário para, então, analisar mais a fundo sobre como está expresso o tema saúde na



formação inicial e continuada dos professores dos Anos Iniciais, utilizando-se do conceito holístico de saúde para interpretar os dados.

A coleta de dados foi realizada no período da primeira quinzena do mês de dezembro de 2013. O questionário foi entregue às professoras quando convidadas a participarem do estudo, logo, na medida em que as professoras o respondiam, foram entregues devidamente preenchidos aos pesquisadores responsáveis. A análise dos dados, realizada no primeiro semestre do ano de 2014, foi ancorada em uma técnica de análise de conteúdo que, para Lakatos e Marconi (1991), é uma técnica de pesquisa para a descrição objetiva, sistemática, e quantitativa do conteúdo evidente da comunicação. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum (Moraes, 1999).

Para Moraes (1999), esta forma de técnica de análise constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Tendo isso como base, parte-se do pressuposto de um conceito holístico de saúde para analisar, interpretar as informações prestadas pelas unidocentes. De um modo breve, aderiu-se a uma análise estatística, utilizando as planilhas Excel 2010 para checagem automática e consistente das médias e desvio padrão das idades, bem como do tempo de atuação das unidocentes investigadas. Para a apresentação dos resultados, foram indicados pseudônimos (nomes de flores) para cada uma das professoras estudadas, com a finalidade de assegurar-lhes anonimato e sigilo das declarações, sendo expostos por meio de recortes dos relatos das unidocentes.

As características formativas destas professoras expressaram marcadores quanto ao tempo de docência e às concepções estabelecidas sobre a saúde em suas trajetórias formativas. Pode-se evidenciar que todas as professoras possuem Curso Superior de Pedagogia, sendo que 60% delas cursaram também o Magistério – Curso Normal. Além do mais, 60% destas professoras possuem cursos de Pós-Graduação nível de Especialização: 40% em Psicopedagogia Institucional, e 20% em Educação Especial com ênfase em Inclusão. Percebeu-se um tempo médio de docência com média de 18,53 ( $\pm 10,83$ ) anos, com mínima de 4 e máxima de 30,5 anos de atuação na escola. Quanto à faixa etária das unidocentes, identificou-se uma idade média de 48 ( $\pm 3,08$ ) anos, com idade mínima de 43 e máxima de 51 anos.

Ademais, compreendeu-se ser interessante destacar duas limitações presentes nesta investigação, não no sentido de fragilizá-la, mas para indicar o modo que o seu processo ficasse mais coerente com o que de fato foi realizado: a escolha do estudo de caso como tipo de metodologia, e o uso do questionário como instrumento de coleta de dados, tendo em vista o número de participantes estudadas.

Nas palavras de Yin (2001, p. 32), o estudo de caso particular é empírico e “investiga um fenômeno contemporâneo” inserido em algum “contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”. A partir desse entendimento, adotou-se um estudo de caso, por atender uma demanda de trabalho realizado anteriormente que, durante uma pré-análise nos planejamentos das

professoras unidocentes, percebeu uma possível lacuna no processo formativo das professoras dos Anos Iniciais em momentos que se aventavam assuntos relacionados à saúde humana (Jesus, 2014). Deste modo, por meio desta decisão metodológica, visou-se esclarecer as maneiras em que se está (im)posto o tema saúde na formação inicial e continuada das professoras investigadas, tornando um esforço dessa investigação ao contribuir, de maneira imperativa, para melhor se compreender, segundo Yin (2001), a respeito dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos que circundam esse cenário propositivo, tendo em vista o espaço de trabalho (uma escola da rede estadual de ensino) e o objeto estudo (concepções das professoras sobre o tema saúde).

Outrossim, entendeu-se ser coeso aplicar questionários às professoras participantes, pois se trata de um instrumento de coleta de informações que, além de baixo custo financeiro (Gil, 2008), oportunizariam às unidocentes um dilatado espaço para responder as questões abertas ao menos sem interferências externas (Chaer, Diniz e Ribeiro, 2011). O que não implicaria grande disparidade às professoras nas respostas, mas sim valorizariam as suas variações e diversidades, ao transcreverem para o questionário as suas concepções sobre o tema pautado. Outra alternativa para a recolha de dados a ser pensada foi quanto a possibilidade de serem realizadas entrevistas, contudo, devido a pouca disponibilidade das educadoras para o seu agendamento (em virtude da carga horária intensa de trabalho semanal na escola) e tendo em conta o distanciamento geográfico entre pesquisadores e professoras, esses fatores tiveram peso maior na decisão instrumental para coleta de dados. Frente a isto, assumiu-se o uso de questionários na pesquisa com a finalidade de facilitar a coleta das informações, uma vez que isso não implicaria o deslocamento dos proponentes de sua unidade de trabalho até a unidade de investigação (por se tratar de duas cidades distintas – cerca de 200 km), bem como foram oportunizadas às educadoras estudadas responderem as perguntas do questionário de acordo com o seu tempo disponível, cujo retorno desse instrumento respondido se deu a um dos pesquisadores, de forma posterior.

## **Resultados**

Neste espaço são apresentados os achados do estudo, considerando um espaço primordial para incentivar protocolos investigativos semelhantes em esclarecer como o tema saúde está/foi/continua proposto na formação profissional das professoras unidocentes, o que se torna muito relevante, devido à importância da discussão deste tema no âmbito escolar. Uma vez que representa uma discussão fundamental na seara da Educação de modo geral, bem como ao campo da Educação Física de forma mais específica e áreas afins.

### *A saúde na formação inicial das professoras unidocentes*

Conforme os relatos das professoras estudadas, observou-se serem bem diversificadas as formas que a temática saúde foi vista durante a formação inicial destas educadoras.

A professora "girassol" deixa entender que a abordagem do tema saúde se faz menos presente, ou quase ausente, durante o curso de graduação em Pedagogia. Ao contrário disso, enquanto cursou o Magistério, que na fala dessa unidocente, o tema saúde foi sempre muito bem trabalhado nas aulas de Didática, contemplando uma categoria social (como a escola e ambiente familiar) e cognitiva (levando à reflexão para tomar atitudes e direcionar condutas e comportamentos).

"O tema saúde é visto dentro da disciplina de Ciências visando orientar e desenvolver hábitos e atitudes que devem ser trazidos de casa e que a escola complementa" (professora girassol).

Referente como o tema saúde foi trabalhado na formação inicial, a professora "orquídea" vem salientar que:

"[...] sobre saúde foi trabalhado pouquíssimos assuntos, de forma que não nos contemplasse, empobrecendo nossos saberes".

A professora orquídea teve uma postura bem crítica em relação a sua formação inicial, exteriorizando a limitação de como era tratado o tema transversal saúde. A professora girassol externou que apenas uma disciplina visou trabalhar o tema saúde na formação inicial docente. Esses dois pontos foram bem essenciais e precisos nesta pesquisa, o que reforça a necessidade da qualificação na formação docente para tratar das questões que envolvam a saúde humana em um geral, cuja formação inicial poderia estar mais ligada a uma dimensão pedagógica como suporte para abordar esse tema no contexto escolar.

Para a professora "amor-perfeito", durante o curso de Magistério esta temática teve muita ênfase sobre a alimentação, o que expressa uma aproximação da categoria biológica (características constituídas ao organismo dos seres vivos):

"[...] desde a conservação e cuidados que se deve ter com a alimentação, também a cadeia alimentar dos animais, pirâmide alimentar".

Em suma, o que se pode perceber pela maioria dos relatos é que, para as professoras, que cursaram Magistério – Curso Normal, o tema saúde foi trabalhado com mais ênfase do que quando cursaram o ensino superior em Pedagogia, havendo destaque na disciplina de Didática e com enfoque na alimentação. Ainda, denotando a abordagem superficial da temática saúde em um curso de graduação, bem como a predominância ao enfoque biológico e estanque.

#### *A formação continuada e o tema saúde na perspectiva unidocente*

Os achados aqui convergem serem distintos sobre a abordagem do tema saúde nos cursos de formação continuada, na visão das professoras unidocentes. A primeira perspectiva parte da professora "girassol", relatando que:

"[...] atualmente, nos cursos de formação que tenho participado, percebo que o tema saúde continua sendo trabalhado, só que com mais ênfase" .

É com grande valia que se entende a necessidade da formação continuada, pois, muitas vezes, uma formação inicial estanque não dá conta de todos os conteúdos que devem ser abordados com os alunos dos Anos Iniciais, justamente onde se labuta com todas as áreas do conhecimento ao mesmo tempo. Certamente, esse relato da professora “girassol” tem grande sentido quando ela menciona que a saúde está sendo trabalhada com continuidade e enfaticamente na escola, pois, acredita-se que esta seja uma das características da formação permanente, suprir sua forma anterior onde não se teve muita ênfase no assunto tratado.

Entretanto, parece haver uma compreensão equivocada desta professora ao proposto em estudo, provavelmente, o que levou um entendimento diferente da questão levantada (que intencionava saber “como” e “de que maneira” o tema saúde foi abordado/trabalhado na formação continuada).

A professora “lírio” colabora em sua afirmação acrescentando que sobre o tema saúde denotou não ser tão abordado na formação inicial do que na formação continuada:

“Na minha formação permanente foi trabalhado mais detalhadamente que no magistério e na graduação, onde foi mais superficial”.

Ainda, para a professora “lírio”, o seu relato vem salientar que em sua experiência profissional foi acarretado com mais saberes do que na formação inicial, embora apresentasse um enfoque limitado apenas à alimentação, carreando a categoria biológica (ligada a atributos das condições humanas como hábitos e condutas):

“O que mais aprendi foi quando trabalhei de responsável pela merenda escolar no município, onde participei de vários cursos sobre alimentação e cursos dados na escola pela nutricionista”.

Em outra perspectiva, para a professora “petúnia”, dentro da formação continuada o tema saúde foi trabalhado através do Programa Saúde na Escola (PSE), que tem proximidade a categoria prevenção/promoção (enquanto se pensa em ações educativas dentro da escola que visem promover e estimular à recuperação da saúde individual dos alunos repercutindo em estilos de vida mais saudável). Duas professoras unidocentes não se manifestaram sobre formação continuada, subentendendo-se que, dos cursos de formação frequentados por estas educadoras, o tema saúde pode estar omissa ou ausente nessas ações formativas participadas.

## **Discussão**

Conforme os achados expostos na seção anterior, em relação como o tema saúde foi abordado/trabalhado na formação inicial das professoras, percebeu-se uma incoerência nas respostas dessas educadoras, não sendo possível notar maiores aprofundamentos de como o tema saúde é/foi tratado no início de sua formação, seja no Magistério ou curso de graduação em Pedagogia. É provável que as unidocentes entendessem a saúde de uma maneira muito ampla e abrangente, ligada a alguns aspectos isolados.

Ademais, quiçá, isso se justificasse pela dificuldade delas exteriorizarem seus entendimentos sobre saúde que, possivelmente, possam ter vínculo a

uma concepção limitada e restrita ao aspecto biológico, sendo balizada por uma educação tradicional. Ou, ainda, como ressalta a professora "orquídea", por esta temática ter sido pouco trabalhada em seus cursos de formação inicial.

Esperava-se encontrar mais evidências da presença da temática saúde em cursos de formação dentro da formação inicial de professores, contudo, como dialoga Oliveira (1991 apud Lomônaco, 2004b, p. 9):

"[...] a formação de muitos educadores foi marcada pela influência tecnicista na educação, com a tendência pela compartimentação do currículo, pela fragmentação do saber, o que dificulta ao educador uma percepção mais abrangente, dinâmica, que possa articular os fenômenos da prática escolar. Assim, a percepção de saúde, na visão dos educadores que ainda a compreendem numa perspectiva unilateral, desvinculada da realidade, dos problemas sócio-econômicos, está centrada no biologismo, na visão de um corpo saudável, bem cuidado, o que poderia ser revertido com uma formação adequada, aliada a ações de atualização, de educação continuada com a promoção de debates sobre temas relativos à educação em saúde na escola".

Corroborando com essa discussão, e para poder se aproximar dessa realidade investigada, encontrou-se uma pesquisa realizada por Leonello e L'Abbate (2006) com tema afim e, também, pela semelhante decisão metodológica quanto ao uso de questionário para coletar as informações de pesquisa. Este estudo procurou identificar a compreensão sobre o tema educação em saúde de estudantes concluintes do curso de Pedagogia de uma Universidade Estadual de São Paulo. Além disso, essas mesmas autoras analisaram o currículo desse curso a respeito dessa temática.

Ao averiguarem qual a percepção dos estudantes (n= 40) sobre o tema investigado e o currículo do curso, observou-se que duas das 73 disciplinas analisadas trabalham, de modo explícito, a educação em saúde na escola. As respostas dos alunos revelaram que 65% dos respondentes (n=26) não percebem esta abordagem no currículo, porém 85% (n=34) consideram a atuação do pedagogo indispensável para o desenvolvimento desse tema no ambiente escolar. Sobre a possibilidade desse currículo abordar a questão da saúde na escola, conforme trazem os resultados da pesquisa, a maioria dos entrevistados (72,5%) considera que o currículo não possibilita abordagem da saúde no âmbito escolar, enquanto a minoria (27,5%) considera que o currículo aborda parcialmente a temática. Nenhum estudante considera que o currículo aborda a temática. Nesse sentido, isso vem ao encontro da afirmação de Gavidia (2009), que entende haver um déficit na formação inicial dos professores para tratar de temas relativos à educação em saúde.

Abre-se aqui mais um questionamento a sensibilizar nesse debate: as instituições de ensino superior, que oferecem cursos com habilitação em licenciatura no país, estão fielmente pensando e/ou organizando suas matrizes curriculares preocupados com os futuros educadores? Será que a formação acadêmica vista é condizente para dar conta dos desafios educacionais existentes, como é o caso das questões que envolvem a saúde humana? Para Bagnato (1987), por exemplo, a educação em saúde no

espaço escolar depende, em grande parte, do preparo acadêmico dos educadores. Alguns anos antes, Silva (1983) também já evidenciava a necessidade da formação crítica de educadores para que esses soubessem articular teoria e prática, vinculadas às condições de vida da população.

Frente a isso, é possível argumentar, também, que essas distintas percepções sobre saúde provém das diferentes maneiras de como era tratado este tema durante os seus cursos de graduação. Acredita-se que isso tem uma grande relação com a afirmativa de Monteiro (2012), quando é possível compreender que a saúde, os fatores que a influenciam e determinam podem ser entendidos de diversas formas, o que, a partir disso, acaba acarretando distintas abordagens para o seu ensino, neste caso, para a formação inicial do futuro docente.

Ainda, fomentando para essa discussão, Leonello e L'Abbate (2006, p.164) consideram necessário e fundamental que "o currículo da formação do pedagogo possibilite a reflexão crítica do aluno referente a tal temática, com o objetivo de que o entendimento desse aluno no campo da educação em saúde ultrapasse uma concepção fragmentada, medicalizada e reducionista". Para isso, conforme essas mesmas autoras, o professor tem que estar bem preparado, bem formado pelos cursos de graduação das universidades.

Em vista desse contexto, no intuito de exercitar uma análise holística, Fernandes (2004) vem afirmar que, para começar uma mudança da realidade, é necessário mudar o enfoque da saúde do escolar, envolvendo todas as dimensões (biológica, social, cultural, psíquica, econômica), impondo que o professor reconheça essas dimensões. Nesse sentido, "é imperativo o conhecimento da real visão dos professores acerca da temática, em especial, daqueles que trabalham com o ensino fundamental, etapa ímpar para a formação de conceitos e valores na vida das crianças escolares" (Fernandes, 2004, p. 10).

A sensibilização e a formação do corpo docente têm importância fundamental para que a educação em saúde exista de fato e seja bem trabalhada dentro das escolas (Leonello e L'Abbate, 2006). Desta maneira, procurando alternativas para suprir as carências ou impossibilidades da formação inicial dos professores, Lomônaco (2004b) sugere que, a partir das questões emergentes em cada escola, seja realizado um programa de educação continuada para os educadores, dentro da realidade de cada unidade escolar, que contemple a participação de vários profissionais da educação e da saúde, com espaços abertos para discussão dos diferentes problemas encontrados e das possíveis soluções.

Nessa direção, há a necessidade de trocar as lentes de como tem sido visto o tema saúde na formação inicial do professor, até mesmo para uma perspectiva mais abrangente e educativa, onde se possa atender consequentemente e estar contribuindo de maneira construtiva ao processo educativo dos estudantes, embora, ainda, existam poucos estudos que comprovem com veemência desse olhar diferenciado ao se referenciar o tema saúde e à formação inicial de professores nas escolas.

Direcionando a discussão em relação ao tema saúde para a formação continuada (formação permanente) das professoras unidocentes, foi

possível notar na resposta da professora "lírio" uma percepção limitada de saúde que pode ser superada, pois, para uma definição ampla de saúde, aspectos ligados apenas à alimentação necessitam ser revistos para se considerar toda a abrangência que demanda quando se fala em "saúde". Essa visão apresentada parece externar lógica a um discurso biologicista, de uma concepção herdada culturalmente em sintonia ao corpo/físico. E mais, percebe-se que houve a aproximação de um profissional da saúde para auxiliar o seu entendimento sobre saúde, em uma perspectiva de educação alimentar.

O próprio Ministério da Saúde propõe a necessidade de formação e qualificação de docentes para a abordagem da promoção à saúde em ambiente escolar (Secretaria de Políticas de Saúde do Brasil, 2002). Como complementam alguns autores (Nonose e Braga, 2008; Diniz, Oliveira e Schall, 2010), para o professor poder assumir sua responsabilidade de agente transformador, existe a necessidade de formação continuada. Ou seja, há um entendimento de que é imprescindível complementar a formação inicial dos docentes com temas relacionados à educação e saúde, para que possa ocorrer uma melhor orientação aos alunos sobre os mitos que envolvem as questões de prevenção e manutenção da mesma, do mesmo modo que informações na perspectiva do conhecimento científico e reconstrução dos saberes, que a sociedade, mídia e família imprimiram nos discentes por meio de padrões de comportamento e hábitos de vida.

Para a unidocente "petúnia", o tema saúde na sua formação continuada está associado ao PSE. Com isso, remetendo-se à literatura para fins esclarecedores, conforme fontes do sítio eletrônico do Ministério da Educação (MEC) do governo brasileiro federal, observa-se que o PSE tem por finalidade contribuir para a formação integral dos estudantes da rede pública de educação básica. Mais especificamente, por meio de ações de promoção da saúde, de prevenção de doenças e agravos à saúde e de atenção à saúde, com vistas ao enfrentamento das vulnerabilidades que comprometem o pleno desenvolvimento de crianças e jovens da rede pública de ensino.

A partir disso, é perceptível que a escola se torna um lugar fundamental para disseminar a importância de educar para a saúde, bem como um espaço para discutir saúde como geral, em benefícios da sua própria saúde e da saúde da comunidade envolvente, pois, conforme ressaltam Costa, Gomes e Zancul (2012, p. 3), "[...] no ambiente escolar deve haver espaço para educadores e alunos discutirem questões sobre saúde, mas, para isso, é fundamental que os educadores tenham formação e conhecimento suficiente". No entanto, vindo ao encontro dos achados nesse estudo, como assinalam Fernandes, Rocha e Souza (2005), a maior parte dos professores não consegue compreender a saúde como uma questão global, que não envolve demandas apenas relacionadas à higiene, alimentação e doenças, à vista disso, torna-se necessário compreender um pouco além desta lógica, superando essa visão biológica e restrita, inicialmente, sobre a saúde.

Desta forma, defende-se a ideia de que o professor, além de exercer um ofício essencial e contributivo para a formação cidadã do educando, deve ter muita prudência e estabelecer critérios bem plausíveis sobre determinados conteúdos e temas, neste caso sobre a saúde. Não bastando apenas ser

conhecedor das inúmeras possibilidades de ensinar variados assuntos aos discentes, mas de optar e fazer uso de propostas educativas que visam atender a organização do trabalho pedagógico, onde estão imbricadas as concepções e entendimentos dos docentes acerca do tema saúde, os quais podem ser superados, buscando contemplar uma visão mais ampliada e condizente com a realidade do aluno e de todos os sujeitos envolvidos no processo educativo.

Sendo assim, apoia-se em Libâneo (1998), acreditando que os momentos de formação continuada podem levar os professores a uma ação reflexiva. Uma vez que após o desenvolvimento da sua prática, os professores poderão reformular as atividades para um próximo momento, repensando os pontos positivos e negativos ocorridos durante o desenrolar da aula. Para Lima (2000) a reflexão deve existir de forma coerente e concreta a partir de uma dimensão formativa, devendo o educador, alunos e pares aprofundarem "o aprender a aprender" para benefício do próprio ser humano e ir além, visto que a prática do educador traduz o seu modo de agir.

Para isto, deverá estabelecer nexos entre as políticas de formação docente e suas práticas, entre o saber e fazer na e para a educação (Lima, 2000). Deste modo, compartilhando o mesmo posicionamento de Vasconcelos (2003), acredita-se ser fundamental que o professor se entenda como sujeito de transformação, e busque por uma formação contínua, cursos ou até mesmo outras formas, recusando-se a aceitar que a configuração do mundo que aí está seja a única forma possível. De nada adiantaria se não houvesse uma reflexão para se adequar as mudanças inerentes à própria sociedade, pois se tornaria muito importante estar repensando de maneira recorrente a formação e a prática educativa do professor (o que dá uma sustentação a essa ação conduzida na forma de agir e de pensar docente).

### **Conclusões**

Diante dos registros desta investigação, percebeu-se a existência de distintos entendimentos nos relatos das professoras em relação à formação profissional unidocente, as quais pareciam ter alguma dificuldade para exteriorizar seus posicionamentos sobre a saúde de um modo global, por mais que em sintonia a uma abordagem conceitual de saúde na perspectiva biologicista, o que não impediu de se avançar e buscar elementos pertinentes neste caso estudado.

Fundamentando-se em um conceito holístico de saúde, como uma possível ferramenta analítica de dados, para analisar os entendimentos das educadoras investigadas, acredita-se que essa alternativa foi muito válida como material interpretativo, pois possibilitou um alcance maior para se compreender os fenômenos que ali se cercavam da realidade social estudada. Em contrapartida, entende-se que essa possibilidade de análise surtiria maiores efeitos em pesquisas com maior número de participantes em virtude da diversidade de informações. Este estudo de caso apresentou cinco sujeitos de pesquisa que caracterizaram evidências para apontar esta limitação.



De forma mais pontual, consoante a formação inicial ficou evidente, na visão da maioria das unidocentes investigadas, que o tema saúde foi trabalhado com mais ênfase durante o Magistério – Curso Normal do que quando cursaram o ensino superior em Pedagogia, onde as educadoras destacaram a disciplina de Didática como a componente curricular que mais se aproximou de uma abordagem sobre saúde, embora com enfoque limitado apenas à Alimentação.

Tangenciando, a partir dos relatos unidocentes sobre como se configurou este tema na formação continuada, emergiram três perspectivas distintas centradas em um ponto chave: a escola como espaço de discussões e disseminação do conhecimento. Em relação a isso, tornam-se necessárias mais investigações, com maior profundidade, sobre a temática em estudo nesse cenário, que vise abrir um ponto para se problematizar a formação docente, a qual também se faz reflexo da própria trajetória formativa do profissional, pois há menção que é a partir do modo de formar professores que se apresenta, ou que se está posto, o modo de agir e de pensar de cada professor.

Nesse bojo, sugere-se que o currículo da educação possa estar voltado para a formação de um professor que possa trabalhar com as questões referentes à saúde de forma mais contextualizada e adequada, considerando seu conceito holístico. Entretanto, inicialmente recomenda-se que se faça uma busca autorreflexiva mais profunda ao tema, principalmente, para que o educador possa se desencilhar de um ensino estanque e tradicional calcado apenas no carreamento de informações, e que isso seja um imperativo e fator implicador no (re)pensar da própria epistemologia da prática de cada profissional. Além do mais, espera-se que isso se possa efetivar para uma perspectiva mais abrangente e educativa da saúde, onde se possa atender conseqüentemente e estar contribuindo de maneira construtiva ao processo educativo dos estudantes, considerando sua realidade na edificação desse processo e no desenvolvimento das relações sociais.

Em vista disso, acredita-se que os posicionamentos das professoras, sobre como é/foi abordado o tema estudado na formação profissional unidocente, poderá contribuir para um possível entendimento da saúde como processo formativo de professores, buscando analisá-lo de maneira mais participativa ativamente. Assim, acredita-se que este trabalho vem cumprir o seu papel social, enquanto ferramenta e veículo disseminador do patrimônio cultural da humanidade, ao fomentar com investigações voltadas a assuntos pertinentes e de relevância na sociedade (tema transversal saúde).

### **Implicações**

Enquanto produção do patrimônio cultural dos seres humanos, esta pesquisa traz possibilidades e apontamentos, com o intuito de contribuir para o cenário escolar, na vaidade de provocar reflexões aos demais profissionais afins e interessados à temática, além de pesquisadores/professores, assim, fazendo-se presentes algumas significações a destaque no presente estudo:

a) possibilidades: concentra-se em considerar o conceito holístico de saúde como uma possível ferramenta de análise da realidade social e demais fatores que a influenciam/condicionam, para interpretar informações que envolvam temáticas relacionadas à saúde no seu aspecto pedagógico (campo escolar);

b) apontamentos: trata-se de uma combinação de dados e interpretações dos autores, realizadas pelas análises acerca dos achados desta investigação, que foram dialogados e confrontados com a literatura utilizada, corroborando para um olhar mais vasto de análise, desvelando suas questões pedagógicas, em sua forma, e contribuindo em uma perspectiva educativa a respeito dos temas estudados.

### **Referências bibliográficas**

Almeida Filho, N. e Jucá, V. (2002). Saúde como ausência de doença: crítica à teoria funcionalista de Christopher Boorse. *Ciência & Saúde Coletiva*, 7(4): 879-889. Em <http://www.scielo.org/pdf/csc/v7n4/14611.pdf>

Bagnato, M. H. S. (1987). *A contribuição educativa dos programas de saúde na 5ª série do 1º grau*. Dissertação (Mestrado). UFSCar, São Carlos.

Bogdan, R. C., e Biklen, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto, Portugal: Porto Editora.

Buss, P. M. (2000). Promoção da saúde e qualidade de vida. *Ciência & Saúde Coletiva*, 5(1): 163-177. Em <http://www.scielo.br/pdf/csc/v5n1/7087.pdf>

Canguilhem, G. (2009). *O normal e o patológico*. São Paulo: Forense Universitária.

Chaer, G., Diniz, R. R. P., e Ribeiro, E. A. (2011). A técnica do questionário na pesquisa educacional. *Evidência*, 7(7), 251-266.

Conselho Nacional de Saúde do Brasil. (2012). *Resolução CNS n. 466, de 12 de dezembro de 2012*. Estabelecem as Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Em <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>

Costa, S. S., Gomes, P. H. M., e Zancul, M. S. (2012). Educação em Saúde na escola na concepção de professores de Ciências e de Biologia. *VII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências*, Florianópolis: ABRAPEC. Em [www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R0922-1.pdf](http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R0922-1.pdf)

Dambros, D. D., Santos, M. E., Escoto, D. F., Silveira, M. G., e Folmer, V. (2011). Educação e saúde nos anos iniciais do ensino fundamental: um estudo de caso. *Momento*, 20(2), 93-103.

Diniz, M. C. P., Oliveira, T. C., e Schall, V. T. (2010). Saúde como compreensão de vida: avaliação para inovação na educação em saúde para o ensino fundamental. *Revista Ensaio-Pesquisa em Educação em Ciências*, 12(1), 119-144. Em <http://www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/ensaio/viewFile/264/332>

Fernandes, M. H. (2004). *A concepção de professores do ensino fundamental (1ª a 4ª séries) sobre a saúde do escolar*. Dissertação

(Mestrado em Ciências da Saúde). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte. Em [ftp://ftp.ufrn.br/pub/biblioteca/ext/bdtd/MarcosHF.pdf](http://ftp.ufrn.br/pub/biblioteca/ext/bdtd/MarcosHF.pdf)

Fernandes, M. H., Rocha, V. M., e Souza, D. B. (2005). A concepção sobre saúde do escolar entre professores do ensino fundamental (1ª a 4ª séries). *História, Ciências, Saúde, Manguinhos*, 12(2), 283-291. Em <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v12n2/03.pdf>

Focesi, E. (1990). Educação em Saúde na escola, o papel do professor. *Revista Brasileira Saúde do Escolar*, 1(2), 4-8.

Fogaça, M. S., Jesus, R. F., e Copetti, J. (2015). Abordagem do tema saúde nas aulas de Educação Física: a realidade de um município da fronteira oeste do RS. *Conexões: Revista da Faculdade de Educação Física, Campinas*, 13(1), 53-78. Em <http://fefnet178.fef.unicamp.br/ojs/index.php/fef/article/view/1168/643>

Gavidia, V. (2009). El profesorado ante la educación y promoción de la salud en la escuela. *Didáctica de las Ciencias Experimentales y Sociales*, 23, 171-180. Em <https://dialnet.unirioja.es/descarga/.../3082143.pdf>

Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ª Ed. São Paulo: Atlas.

Guedes, D. P. (1999). Educação para a Saúde mediante programas de Educação Física escolar. *Motriz*, 5(1), 1-6. Em [http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/05n1/5n1\\_ART04.pdf](http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/05n1/5n1_ART04.pdf)

Jesus, R. F. (2014). *Entendimentos de professores unidocentes sobre o tema saúde no contexto escolar: um estudo de caso nos anos iniciais de uma escola estadual*. Monografia (Especialização em Educação Física Escolar), Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria.

Jesus, R. F., e Lopes, W. Z. (2015). Uma síntese conceitual sobre o termo saúde no cenário histórico e escolar. *Lecturas, Educación Física y Deportes*, 20(209), 1-8. Em <http://www.efdeportes.com/efd209/sintese-conceitual-sobre-o-termo-saude.htm>

Jesus, R. F., e Sawitzki, R. L. (2015). Trabalho unidocente sobre o tema saúde a partir das três dimensões do conteúdo: um estudo de caso nos anos iniciais de uma escola estadual do sul do Brasil. *Pensar a Prática*, 18(2), 294-309. Em <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/34387>

Lakatos, E. M., e Marconi, M. A. (1991). *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas.

Leonello, V. M., e L'abbate, S. (2006). Educação em Saúde na escola: uma abordagem o currículo e da percepção de alunos de graduação em Pedagogia. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, 10(19), 149-66. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v10n19/a11v1019.pdf>

Levy, S. N, Silva, J. J. C., Cardoso, I. F. R., Werberich, P. M., Moreira, L. L. S., Montiani, H., e Carneiro, R. M. (1997). *Educação em saúde: histórico, conceitos e propostas*. Brasília: Ministério da Saúde.

Libâneo, J. C. (1998). *Adeus Professor, Adeus Professora? Novas exigências educacionais e profissões docente*. São Paulo: Cortez.

Lima, P. G. (2000). La formación del educador reflexivo: notas para la orientación de sus prácticas. *Revista Latinoamericana de Estudios Educativos*, 30(3), 117-27. Em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27030305>

Lomônaco, A. F. S. (2004a). *Concepções, ensino e práticas de saúde no cotidiano escolar: a educação para a saúde em escolas públicas de Uberlândia (MG)*. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Uberlândia, Faculdade de Educação, Uberlândia.

Lomônaco, A. F. S. (2004b). Concepções de saúde e cotidiano escolar - o viés do saber e da prática. *En 27ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação*, Caxambu. Em <http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt06/t063.pdf>

Lopes Neto, D., e Nóbrega, M. M. L. (1999). Holismo nos modelos teóricos de Enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, 52(2), 233-242. Em <http://www.scielo.br/pdf/reben/v52n2/v52n2a10.pdf>

Lopes, M. I. V. (1997). *Pesquisa em comunicação*. São Paulo: Loyola.

Loureiro, C. F. B. (1996a). A educação em saúde na formação do educador. *Revista Brasileira de Saúde Escolar*, 4(3/4), 10-13.

Loureiro, C. F. B. (1996b). A problemática de saúde da criança no Brasil: desafios para uma prática educativa. *Revista Brasileira de Saúde Escolar*, 4(1/2), 17-20.

Lüdke, M., e André, M. E. D. A. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.

Lüdke, M., e André, M. E. D. A. (2004). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. 2ª reimpressão. São Paulo: EPU.

Medeiros, P. F., Bernardes, A. G., e Guareschi, N. M. F. (2005). O conceito de saúde e suas implicações nas práticas psicológicas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(3), 263-269.

Melo, E. C. P. (1998). *Fundamentos de saúde*. Rio de Janeiro, SENAC.

Monteiro, P. H. N. (2012). *A saúde nos livros didáticos no Brasil: concepções e tendências nos anos iniciais do Ensino Fundamental (Tese Doutorado em Educação)*. Universidade de São Paulo. São Paulo.

Moraes, R. Análise de conteúdo. (1999). *Revista Educação*, 22(37), 7-32. Em [http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise\\_de\\_conteudo\\_moraes.html](http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html)

Nahas, M. V., e Corbin, C. (1992). Educação para a aptidão física e saúde: justificativa e sugestões para implementação nos programas de Educação Física. *Revista Brasileira de Ciência & Movimento*, 6(2), 47-58. Em <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/215/374>

Nery, A. A., Silva, D. R., Bueno, E. S., Santos, F. P. A., Nascimento, M. S., Carvalho, P. A. e Pires, V. M. (2009). Concepção de saúde: visão de adolescentes do ensino fundamental de um município da Bahia. *Revista*

Saúde.com, 5(1), 17-30. Em <http://www.uesb.br/revista/rsc/v5/v5n1a03.pdf>

Nogueira, M. J. C. (1986). *Abordagem holística: uma proposta para a enfermagem brasileira*. Congresso Brasileiro de Enfermagem, Recife.

Nonose, E. R., e Braga, T. M. S. (2008). *Formação do professor para atuar com saúde/doença na Escola*. VIII Congresso Nacional de Educação/III Congresso Íbero-Americano sobre violências nas Escolas, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba. Em [http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/407\\_455.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/407_455.pdf)

Nóvoa, A. (1992). Formação de Professores e Profissão Docente. En A. Nóvoa (Org.), *Os Professores e a sua Formação* (pp. 13-33). Lisboa: Dom Quixote.

Oliveira, M. L. C. L., e Silva, M. T. A. (1990). Educação em Saúde: repensando a formação de professores. *Revista Brasileira de Saúde Escolar*, 1(2), 13-20.

Scliar, M. (2007). História do conceito de saúde. *Revista Saúde Coletiva*, 17(1): 29-41. Em <http://www.scielo.br/pdf/physis/v17n1/v17n1a03.pdf>

Secretaria de Atenção à Saúde do Brasil. (2009). *Saúde na escola*. Brasília: Ministério da Saúde.

Secretaria da Educação do Ensino Fundamental do Brasil. (1997). *Parâmetros curriculares nacionais: primeiro e segundo ciclos: Meio Ambiente e Saúde*. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF.

Secretaria de Educação Fundamental do Brasil. (1998). *Parâmetros curriculares nacionais: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental. Tema Transversal Saúde*. Brasília: MEC/SEF.

Secretaria de Educação Fundamental do Brasil. (2000). *Parâmetros Curriculares Nacionais: temas transversais: meio ambiente e saúde*. 2 Ed., v. 9 (1ª à 4ª série). Rio de Janeiro: DP&A.

Secretaria de Políticas de Saúde do Brasil. (2002). *O projeto saúde na escola: texto de apoio*. Brasília: Ministério da Educação e Cultura.

Silva, J. I. (1983). A educação do educador. *Cadernos Cedes*, 1(2), 39-42.

Teixeira, E. (1996). Reflexões sobre o paradigma holístico e holismo e saúde. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 30(2), 286-290. Em <http://www.revistas.usp.br/reeusp/article/view/34926/37662>

Vasconcellos, C. S. (2003). *Para Onde Vai O Professor?* Resgate do professor como sujeito de transformação. 10ª Ed. São Paulo: Libertad.

Weil, P. (1987). *Nova Linguagem Holística: Pontes sobre as fronteiras das ciências físicas, biológicas, humanas e as tradições espirituais*. Rio de Janeiro: Editora Espaço e Tempo/CEPA.

Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Tradução Daniel Grassi e Cláudio Damacena. 2ª. ed. Porto Alegre: Bookman.